



BRAGA ANTIGA—Cova da Moura e Penedo da Buraquinha.

«Desenho á penna de J. Rebêllo Junior.»

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela

DIRECTOR

r. Francisco de Souza Gomes Velloso.

ADMINISTRADOR E EDITOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias — Um anno 3\$000

Semestre 1\$500. Trimestre 750, rs.

Na cobrança feita pelo correio ou pelo entregado
acresce o importe das despesas

Extrangeiro—Um anno, 3\$600.

Numero avulso, 80 reis

Numero 216

Braga, 18 de Agosto de 1917

Anno V

Capas para os colleccionadores da "Illustração Catholica,"

Temo-las já impressas, a 440 réis

Monte-Pio do Clero Secular Portuguez Successor da Veneravel Irmandade dos Clerigos Pobres de Lisboa

O clerigo d'ordens sacras, que desejar alistar-se n'ete Monte Pio, deve enviar ao Rev. Padre Alfredo Elviro dos Santos morador na Avenida Fontes Pereira de Mello, 41, Lisboa, os seguintes documentos:

—1.º Certidão d'idade, devidamente reconhecida por notario.
—2.º Dois attestados, ou declarações medicas juradas e reconhecidas por notario, em como não soffre de molestia actual, ou habitual (pallavras textuaes).—3.º Attestado, ou declaração jurada, do secretario da Camara Ecclesiastica respectiva, ou do Vigario da Vara, Arcipreste, ou Ouvidor, em como está no legitimo exercicio das suas ordens, exerce o cargo de... e não está incurso em processo algum ecclesiastico ou civil.

Os documentos podem ser em papel commum

Se o clerigo residir na Archidiocese de Braga, principalmente no concelho de Braga, deve dirigir-se ao Rev. Padre Arnaldo Carlos Lamas d'Oliveira residente na rua de 5 de Outubro, n.º 80 em Braga, ou ao Rev. Padre Leonel Aragão Dantas de Sousa, morador em Laranjeira, Monção, se residir no concelho de Monção; ao Rev. Padre Domingos Affonso do Paço, capellão da Misericordia de Vianna do Casello, se residir no concelho de Vianna do Casello; ao Rev. Padre Manuel do Costa Freitas Reis, se residir no concelho de Famalicão; ou ao Rev. Padre José Antonio de Campos Junior, parcho de S. Vicente de Aljubarrota, se residir no concelho de Alcobaca.

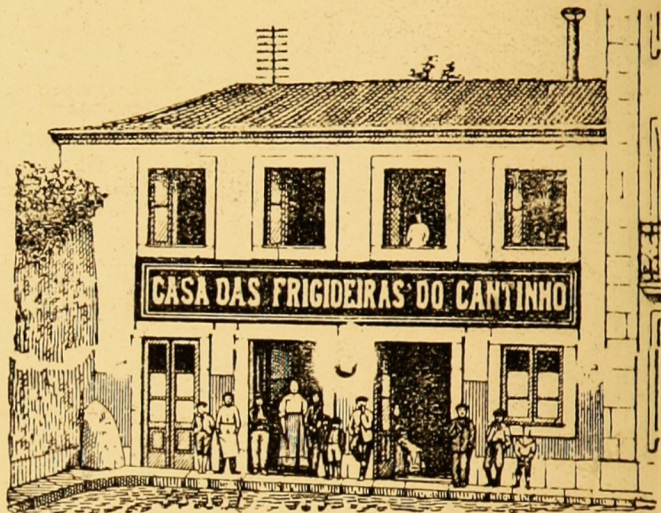
Os referidos Revs. Padres são socios correspondentes do Monte-Pio; prestam todos os esclarecimentos, facilitam as admissoes, recebem as quotas, pagam subsidios, etc.

Este concede subsidio na doença, suspensão e falta de collocação; paga visitas medicas aos socios residentes em Lisboa e nas terras em que residirem 20 socios; dá 10 escudos para operações cirurgicas, ou conferencias medicas e 10 escudos para auxilio das despesas com processos ecclesiasticos ou civis; todos podem celebrar na capella do jazigo sito na rua numero 3, do cemiterio do Alto de S. João; faculta a livreria aos socios, que a desejarem consultar; tem direito a comprar para si e para as suas familias medicamentos melhores e com abatimento de 20 p. c. nas pharmacias mutualistas de Lisboa; todos têm direito a ser sepultados ou depositados no referido jazigo, etc.

Concede o subsidio de vinte e cinco escudos e mortalha para o funeral dos socios residentes em Lisboa, e o de vinte escudos para o funeral dos socios residentes fóra de Lisboa.

FRIGIDEIRAS E RESTAURANTE

Casa do Cantinho



Largo de S. João do Souto
BRAGA

Estabelecimento mais antigo
e acreditado n'este genero

Arte e Religião

Officinas de esculpura e entalhador

47—Rua da Fabrica—49

PORTO

Deposito de imagens, sanctuarios, banquetas e todos os mais artigos e aprestos religiosos.

Execução de encommendas para as Provincias, Ilhas, Ultramar e Brazil.

Preços e todas as informaes

Pereira d'Abreu & Filhos

SUCCESSOR

José da Silva França

Collegio de S. Thomaz d'Aquino

BRAGA

Fundado em 1896

DIRECTOR

Padre Manoel Joaquim Peixoto Braga

Admitte alumnos internos, externos para o curso dos Lyceus, Commercial e Instrucção Primaria..

TEIXEIRA DE ANDRADE

Professor na Escola Academica

Rua de S. Marcos, 46

Ensina linguas para o Lyceu.

Escola Normal e Commercio.

ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica



Proprietario, Joaquim A. Perelra Villela. Director, Dr. F. de Souza Gomes Velloso

EDITOR E ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Pelxoto.

Braga, 18 de Agosto de 1917

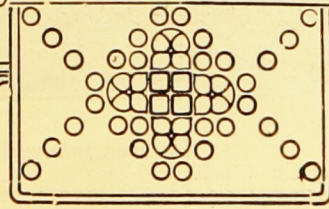
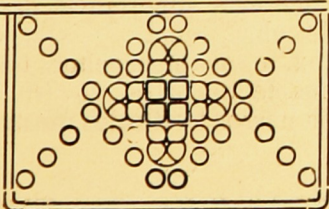
REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 216—Anno V

MISSÃO PORTUGUEZA DE S. SALVADOR DO CONGO



Vista geral da Missão



ANGOLA E CONGO

Restos de um grande imperio colonial são os territorios, bem reduzidos, se com o passado os hemos de comparar, em que se exerce a soberania nacional. Aquellas terras que Portugal descobriu e de que se apossou nas epochas preteritas da sua historia, pouco a pouco se transformaram por nossa incuria em dominios britannicos, franceses e holandeses. E' que nos faltou a força sufficiente para manter imperio tamanho qual o que Albuquerque o Grande, idealizou e tornou real. Hoje ainda nem as lições do passado são bastantes a procurar das colonias toda a gloria, todo o prestigio, todo o bem a que esta nação tão grande, apesar do exiguo do seu territorio pode aspirar

Por dois modos podemos considerar a nossa acção nos territorios africanos, marcados nas cartas geographicas com as côres portuguezas. Pelo producto material que lá podemos auferir, e então baixo é o assum-



LOANDA—Rev. Vigario Capitular Dr. Manuel Alves da Cunha e missionarios, P. Fazenda, P. Jorge, Conego Lourenço, P. Barata, P. Salvador, P. Magalhães e P. Candido,

dora acção, para trazer aos beneficios materiaes e moraes das artes e sciencias nossos irmãos mais novos, os africanos.

Pode, porém, exercer se proficuamente uma missão civilizadora na Africa, fóra e, peor, contra a civilização christã? O Congo belga, onde é grande a immoralidade, devido ao excesso de funcionalismo racionalista para lá atirado pelo liberal Leopoldo, e lá continuado, diz que não; ao passo que paredes meias os optimos resultados obtidos no Congo e em Loanda pelas Missões Catholicas Portuguezas induzem os verdadeiros pensadores a afirmar que as missões catholicas são o meio mais proprio, mais effcaz de



LOANDA—Banda dos alumnos do Seminario

pto para que delle podesse occupar-se a *Illustração Catholica*; ou então pela acção civilizadora que devemos exercer, nós, indubitavelmente mais adeantados, entre os atrazados povos que habitam as terras Chaititas.

Vamos até Africa, que ainda lá se encontra o futuro de Portugal mas vamos, não tanto com a pretensão de adquirir as riquezas do Pactolo, levados da *auri sacra fames* de que falla o poeta, mas *audax Japeti genu*, guiados num audacioso impeto de civiliza-



Egreja da Missão do Congo



Alumnas internas das Irmãs Missionarias no Congo

obter a civilização africana. Assim nós não tivéssemos matado a galinha dos ovos d'ouro, e creassemos um Instituto Missionario capaz de fornecer, com a precisa abundancia, esses benemeritos da Patria que, no adusto solo africano, levantam a bandeira de Portugal na mesma haste da Cruz.

O proprio interesse do Estado, devia levar os nossos governantes a considerar a importancia de tão grande obra, qual a civilização africana, e os insuspeitos testemunhos de todos os governadores dos nossos territorios mostram

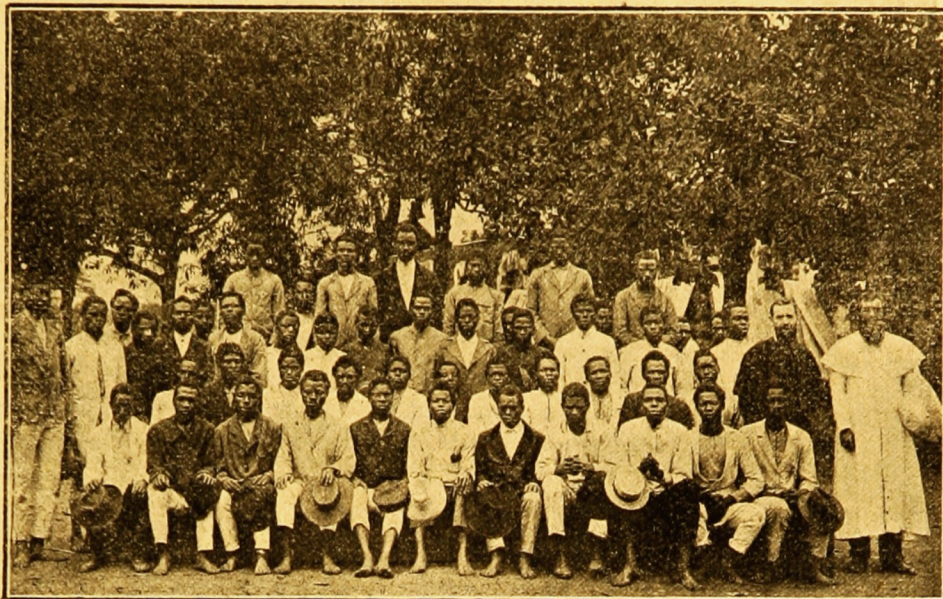
que não ha organismos laicos capazes de supprir o missionario.

Estas paginas são um tributo de admiração aos sacerdotes que não desertam do seu posto de honra, e uma documentação irrefragavel da acção desses benemeritos no dominio colonial português.

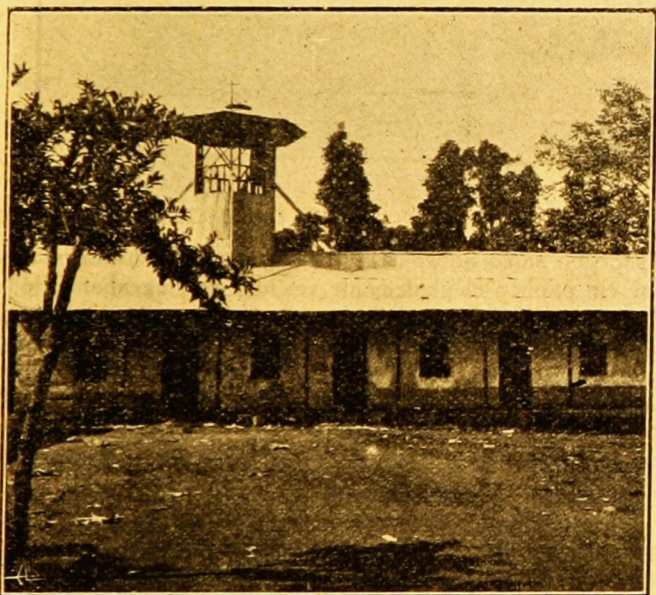
Entrejogamos gravuras da missão congoleza, com outras de Loanda, por estarem ecclesiasticamente unidos os dois territorios. Oxalá servissem para despertar nos poderes o sentimento do dever, e nos povos a preferencia caridosa para obras nacionaes e nacionalizadoras.

E que os fructos são optimos o diz esta singela nota que, como ehavé de ouro, aqui fecha esta lembrança.

«Manuel Mendes das Neves, rapaz inteligente e virtuoso, deu sempre, desde o começo dos seus



LOANDA—Rev. Vigario Capitular, Dr. Manuel Alves da Cunha e o Rev. Superior da Missão Portuguesa, com os professores das escolas ruraes



CONGO—Observatorio Meteorologico e officinas da Missão



Manoel Mendes das Neves, alumno do 4.º anno de theologia em Loanda



CONGO—Alunos internos da Missão

estudos, provas duma verdadeira vocação ecclesiastica.

Obtendo sempre as melhores classificações em todo o seu curso encontra-se actualmente no 4.º e último anno teológico. Trabalhador e virtuoso, Manoel Mendes das Neves deu um nobre exemplo aos mestiços angolenses e estamos certos de que prestará à Pátria que o educou e às Missões, bons serviços missionários, serviços que na Provincia de Angola, onde o número de Missionários é já muito resumido, tão necessários são.»

Os nossos louvores mais sinceros aos benemeritos missionarios por sua obra tão pátriotica, e profundamente religiosa.

J. Ribeiro Coelho.

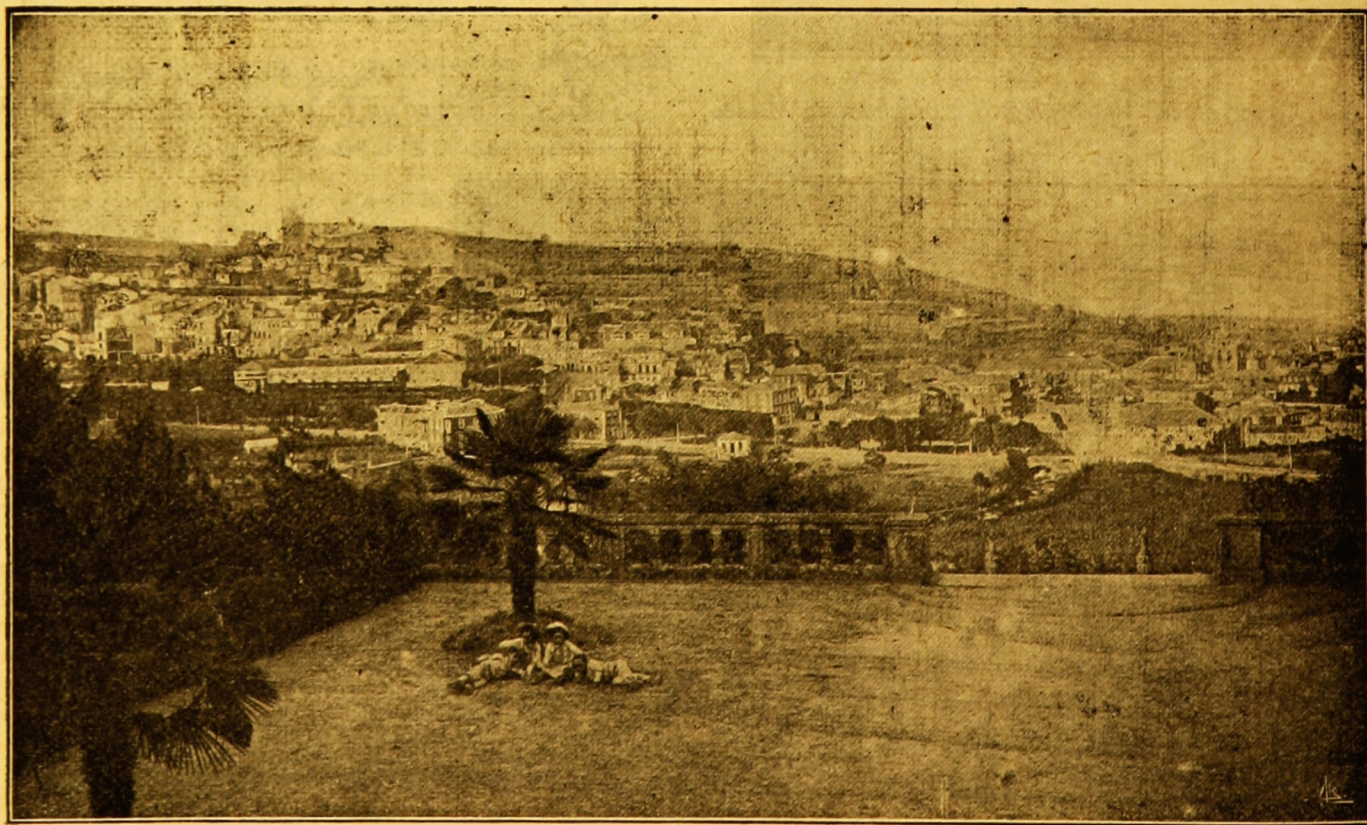


GRUPO DE ENCANTADORAS MENINAS

Phot. de Eduardo T. Mendes—Guimarães

que tomaram parte no sarau infantil artistico musical, realisado no salão nobre da illustre casa do Santo, da villa de Fafe, no dia 8 de Julho de 1917. Este encantador grupo apresentou-se em publico elegantemente vestido, desempenhando todas as meninas os papeis que lhes tenham sido confiados com muita proficiencia, singular correção e por vezes muitissima graça. sendo todas no fim cobertas de palmas e prolongados applausos. Ainda que sem licença expressa d'ellas, estampamos aqui os seus nomes pela seguinte ordem, a principiar da direita para a esquerda: Maria Carolina Leite de Vasconcellos, Maria José Pinto da Fonsêca Ferreira de Brito, Maria Julieta de Mesquita Mendes, Maria de Lourdes Lumellino Guimarães, Maria Barbosa Leite de Vasconcellos, Maria Fernanda e Maria Helena Pinto da Fonsêca Ferreira de Brito.

Pedimos venia para dizer que este encantador grupo foi ensaiada na parte artistica p la Ex.^{ma} sr.^a D. Lucrecia Pinto Ferreira de Brito (Ermida), e na parte musical pelo distincto musico Rev. Francisco José Galvão.

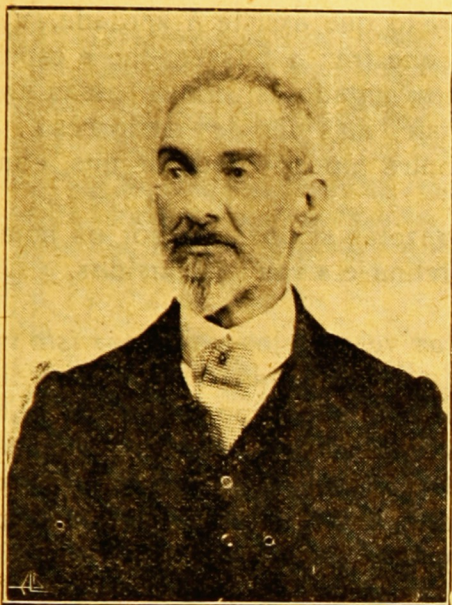


LAMEGO—Vista geral.

Vida intensa

POR ARTHUR RIVAR

A José de Faria Machado



José Firmino da Costa Freitas

Pae do nosso illustre collaborador,
José de Faria Machado.

† 11 de agosto de 1917

TRISTE privilegio me vale a nossa velha amizade! Ha annos que os leitores apreciam n'esta pagina as tuas chronicas de *Vida Intensa*, ora vibrantes de mocidade e alegria, ora levemente esmorecidas pela visão das realidades que de todo apagam tantos enthusiasmos menos ardentes que o teu...

Quem me diria, ou a ti, ha oito dias, que a minha prosa descolorida, (para que os leitores não perdessem tudo), havia de substituir a tua, incapaz de exprimir um trecho de vida quando a morte arrancava dos teus braços o cadaver de teu pae!

Venho desempenhar á pressa, e como posso, a triste missão.

Carducci, descrevendo precisamente a vida intensa, que reclama o pobre operario no costumado labor, quando ainda está morno o cadaver de um ser querido, diz que o desgraçado não tem vagar para o pranto, nem direito de amar:

L'uom, doman, . . .
Su'l deforme cadavere
Darà un guardo tornando a la fatica
Usata. Ozio di piangere,
Drifto d'amar il misero non ha!

Que os leitores relevem a desgraciosa chronica, escrita unicamente para te dar, meu pobre amigo, com as sincerissimas condolencias, aquella *ozio di piangere* de que fala o auctor do *Hymno a Satan*.

Releiam, para se ressarcirem, a pagina de ha oito dias! A *minha creche*, aquella primorosa descripção do ninho abandonado

na beirada esplendente d'orgulhosos cachos de ferral, parecem agora um obscuro presentimento. Onde estariam aquelles paes, preguntavas tu, que não voltavam ao seu lar, que não vinham, sollicitos e alegres, como outrora, trazer aos filhos a merenda carinhosa! Onde estariam!

E contavas, com simplicidade, que pela manhã e á noite ias sempre deixar nas folhas, que acobertavam o ninho, algumas migalhas para os desherdados...

Jesus, que nos mandou olhar para as avezinhas do ceu quando quis inculcar-nos confiança na providencia de Deus, decerto te recordará agora as que amparaste na orphanade, para te confortar com a certeza de que o Creador cuidará de ti, como tu cuidaste das suas creaturas.

Que é este mundo, esta vida intensa, quando a morte nos vae roubando tudo o que mais amamos, senão uma enorme creche, onde todos dependemos da divina misericordia?

Não posso, nem devo demorar-me a evocar-te a imagem do santo velhinho que te acompanhava nas visitas à creche.

Para que escalavrar a chaga ainda aberta? Para que avolumar a perda enumerando as qualidades do extincto?

Herdar-lhe todas, hoará-lo procurando perpetua-las em ti, foi, estou certo disso, o proposito que o teu optimo coração formulou quando nos meus braços te apartaste do envulcro mortal daquella grande alma. Uma, sobretudo, te será especialmente proveitosa, quando te arrebatat de novo o turbilhão da vida intensa: a fé viva com que elle viveu e morreu!

Vida intensa longe da luz da fé, sem o vigor das esperanças de além-tumulo, comprehendo-a como aturdimiento voluntario da razão desorientada, como mascara que o orgulho humano põe á fallencia dos seus systemas, como renuncia! Como affirmção consciente de um ideal que satisfaz as aspirações perennes da natureza humana, — ou é uma mentira, ou um contra senso incomprehensivel.

Tu seguiste a evolução mental da condessa Mathieu de Noailles — aquella grêga pagã, que transportada para a vida intensa de Paris se anteviu morta e escreveu orgulhosamente, desdenhando a vida fibia dos que a cercavam, que os seus versos seriam ainda relidos:

car ma cendre sera plus chaude que leur vie!

E viste-a, como tantos espiritos de eleição, nesta nova primavera christã, vir poisar o seu orgulho, regado de amargas lagrimas, aos pés da Cruz consoladora de Jesus Christo.

Abraçemo-nos todos a ella, que ella só subsiste erecta, inamovivel, enquanto o orbe se revolve no dascalabro continuo da sua vida intensa.

CHRONICA DA SEMANA

Um ponto de interrogação



QUANDO sahí da sala, ao fim da reunião, uma interrogação formidanda pezáva sobre o meu espirito. Eu vira mais de sessenta homens, alli, uns em frente dos outros, em frente de Deus e em frente da Patria tambem, discutindo e planeando, encarando o futuro da Igreja em Portugal com o invejavel desassombro daquelles que estão possuidos d'uma ideia, e vão rosto alto ao encontro da realidade para a impôr com a força do direito que assiste á verdade. Viram alli, protestando contra a apathia larvada d'um paiz que traz a passear-lhe a espinha dorsal, desde ha seculos, o formigueiro dos politicantes sugadores; contra essas abastardadas theoiras que prégam ao esbofeteado: «resiste, mas não te desforces», ao roubado: «deixa-te despojar, mas não te defendas»; contra a passividade de uns, contra as tranquiernas de outros... Vi-os alli n'aquella sala.

Obrigado a fazer o relato da reunião para as gazetas sei-lhes de cór os nomes, como participando nos trabalhos lhes fixei as faces na retina e a voz nos ouvidos.

Não me esquecem mais.

Cá fóra, depois, no caminho de ferro, ouvi muitas vezes estas palavras: *isto vae!* Reli as cartas e telegramas vindos de todos os pontos do paiz, evoquei essa extraordinaria figura de padre do nosso tempo que é Mgr. Mariz, um corpo fragilimo, pelle e ossos, todo elle vivendo das vibrações d'alma, a alma vivendo os altissimos preceitos de um character sem mancha de um coração em labarêdas de zêlo apostolico, figura como tal das mais curiosas, em que alguém, creio que o Diniz da Fonsêca, viu traços fundos do personagem igual do *Démon du midi* de Bourget...

Depois de fazer tudo isto, depois de recordar as acertadissimas observações do Bivar, recortadas na picaresca originalidade que sô elle sabe transformar n'um optimo attractivo; depois de recordar a logica férrea de José Correia a clareza, surpreendente de Diogo d' Amorim que tem, como Le Bon, o padre de desfazer intrincados problemas em verdades que parecem afinal a historia do ovo de Colombo, a voz *saccadée* de Pinheiro Torres traduzindo apêllos ou ordens intimativas, a espantosa rapidez de pensamento de Manoel Pestana, defeza da *terra-mater* por José de Menezes (Vinhãl)... depois de tudo isto, eu puz-me a pensar se afinal, mesmo com a expressa aprovação dos Bispos, mesmo com os aplausos que d'um extremo ao outro do paiz se fazem ouvir, á realização d'uma parte importantissima da ultima Pastoral Collectiva, o Centro não virá abaixo frandulentamente, soberbo *élan* que parte para as esferas e ao cabo de poucos metros de andamento se amarfanha, se enculinha, se reduz ao sonho de quatro caturras e meio apostados em não seguir a massa enorme que se afasta do caminho do dever, da obediencia ao Episcopado.

Uma formidanda interrogação, leitor amigo, Contando pelos dêdos o esforço actual é o quarto que em menos de vinte e cinco annos, fazem os catholicos portuguezes por organizar-se. O portuguez, nado ao lado do hespanhol, não constrôe apenas castellos no ar: entretêm se tambem a derrubar o que alguém faz promettedoramente. O grande centro da mentalidade lusitana é, conquistadas as esquinas pelos gallêgos, a porta das tabacarias e dos cafés nos burgos urbanos, o cenáculo das pharmacias, nos villórios d'intriga farta, o adro das egrejas nas aldeias.

Emquanto os catholicos estafavam energias em três tentativas—todas optimamente orientadas, note-se—para a sua organização, os seus irmãos lá fóra, triumphavam na Belgica, Inglaterra e na Allemanha, obtinham brilhantissimas victorias na França e na Italia e na Hespanha... Ora ainda quero vêr se d'aqui a annos, pondo-me a lembrar os encontrões que levei, pelas respectivas phases, tenha de contar pelos dêdos d'esta maneira:

—Tentativa do annuncio Jacobini, uma... a do Centro Nacional, duas... a do nacionalismo, tres... a do Centro Catholico, quatro...

E se ainda durar o estribilho e o snr. Affonso Costa estiver no governo, perguntarei, como na revista: E agora que mais ha-de ser...?

—A culpa d'essas e d'outras foram os Bispos! berrarão os *zelanti* do futuro, a meus ouvidos.—*Nihil sub sole novum!* Commentarei eu, escaldado... F. V.

As Ceifeiras

(A meu primo e amigo Luiz de Portugal da Fonseca e Mello)

Todas contentes, se avistam ellas,
E sempre juntas, em rancho amigo,
Com frêscas vestes, garridas, bellas,
Ceifando o loiro, maduro trigo.

Nas suas mãos a foicinha avança:
Andam ligeiras, são como a poeira...
Seu ágil braço nunca descança,
Só quando passam de leira a leira.

Lá vão levadas frugal em fóra,
Grossas paveias atraz deixando,
Que os fortes môços, com mais demora,
Limpam do joio, vão enfeitando.

E ao sol ardente, claro de Julho,
Lá andam ellas, vivas, ridentes,
Ceifando sempre com brio e orgulho,
E olhando os môços mais atraentes...

De vez em quando, agrupadas todas,
Bonita «canta» lá vão botar;
Depois se riem, falam de boas...
E os pobres môços... a suspirar!...

Meio da tarde, a merenda chega:
Pão, azeitonas, vinho espumante...
E o rancho alegre lá então se apêga
Ao *manjar* rico... fortificante...

E todos rindo, dizendo graças,
Breve lhe tomam o seu sabôr...
—No fim os môços, deitam fumaças...
E as raparigas... arfam d'amôr!...

E' finda a ceifa...—morre o astro d'oiro...
Em grandes molhos, ou ás braçadas,
Lá passam ellas o trigo loiro
Para a grande eira, todas córadas...

E, então, os môços, de faces lêdas,
Fitando-as sempre com riso ou graves...
Vão construindo bojudas mêdas,
Onde, esvoaçando, pipilam aves...

Se á noite ha dança... cada ceifeira
Uma vassoira busca arranjar:
Vão logo, á pressa varrer a eira,
P'ra, finda a ceia, já se dançar...

Se não ha dança... tudo termina
Com uma «canta» que logo echôa...
Depois cochicham pela surdina,
E gargalhadas soltam á tóa!...

E então, lá seguem para os seus lares,
Por estas noites de luar tão lindo!...
Já recordando grandes linhares...
Sempre contentes, cantando e rindo!...

Arouca, 4 de Julho de 1917.

Antonio Vaz Pinto.

A Virgem Linda

Gentis caravaneiros de Sabá
jamais, jamais cansavam! pois sabiam
d'uns olhos mais que lindos, que sorriam
em terras bemfadadas de Judá!

Levavam pedras finas, sêda e lã...
Mas dès que as doces gêmmas presentiam,
êlles, punham de parte o que traziam...
e entravam a adorar a Jehová!

Depois, por suas terras adurantes,
contavam ás Princêzas, ás amantes,
e ás lyras,—dêssa candida Donzella!

Um velho Mago ouviu. E então, sorrindo,
d'olhos captivos no azul do Infindo,
prophetizou a vinda d'uma *Estrella*...

(Da Ala de Namorados).

TEIXEIRA PINTO.

O CAPELLÃO

la ser dada ordem para carregar, e a carga tinha de ser decisiva. O tenente coronel Douglas quiz fazer uma allocução, mas não conseguiu fazer-se perceber. Então o capellão dirigiu-se á primeira companhia, e disse:

—*Rapazes, estão fora d'aqui vossos paes, distantes as conversadas, longe as casas onde nascestes, e as egrejas onde fostes baptisados—tudo quanto vos é caro—e como nada d'isto pôde vir, mandaram a representá-los esse bocado de seda que o vento agita por cima de todos nós—a bandeira Fugir ante o inimigo é abandoná-la, é ser mau filho e mau christão.*

Os galuchos do 8 no Bussaco.

POR EDUARDO DE NORONHA

Napoleão I distinguia duas especies de coragens: a collectiva e a individual. A primeira é tão vulgar em conjuncto, como o panico e a crueldade; a segunda é mais rara. Nem todos a possuem. Quando não vem como condão natural, custa muito a adquirir. Só se obtem pela imposição, em nós proprios, de uma grande força de vontade, ou mercê da alta comprehensão de um dever a cumprir.

Na guerra actual, medonha pela quantidade de elementos destruidores accumulados, entre os não combatentes,—enfermeiros, enfermeiras, maqueiros, medicos, etc.—os capellães teem sabido conquistar um tão proeminente logar, pela sua dedicação e abnegação, que, raras vezes na Historia, foi mais levantado, nobre e sublime.

As ordens do dia dos differentes generaes em chefe, que teem commandado os exercitos francez e inglez, regorgitam de elogios e recompensas conferidas aos capellães militares. De armas na mão n'algumas emergencias, de crucifixo em punho sempre, a sua missão attinge um grande altruismo e de devoção difficil de exceder.

Terminado o combate ou durante elle; depois de animar os que pelem quando a artilharia ribomba n'um concerto que apavora os mais intrepididos; quando as granadas sibilam e se fragmentam n'um interrupto diluvio de mortiferos estilhaços; quando as galerias escancaram hiantes boccas d'onde sae exterminadora lava; quando os projecteis de peso e dimensões colossaes rasgam crateras que tudo subvertem; quando os gases asphixiantes formam um *simun* de espessas nuvens deleterias; quando as metralhadoras crepitam n'um estralejar continuo de girandolas fúnebres; quando a fuzilaria se torna mais densa que o granizo tocado pelas rijas lufadas do norte; o capellão sae do seu abrigo, salta da trincheira, entra na zona perigosa e sem se lembrar nem querer ouvir o permanente assobio das balas, ergue aqui um ferido, acode acolá a um moribundo, ouve de confissão um combatente que expira, ministra a extrema-uncção a outro cuja vida reside apenas nas pupi!!las, já vitreas, absolve os que o imploram n'um supremo relancear de vista, Por vezes—quantas!—um pedaço de metal fero, cego, implacavel derruba o sacerdote ao lado d'aquelle a quem vae socorrer. Pois ainda n'esse momento procura suavizar a dôr alheia esquecendo a sua.

Durante o sacrificio da missa, para os vivos durante a lucta, para os enfermos no periodo da doença, para os que estão prestes a succumbir no limiar da Eternidade, para os que se despedem para sempre das alegrias e das dôres deste mundo, o capellão é não só, no auspicioso momento a imagem e sacerdote de Jesus Christo, mas ainda a reminiscencia do passado, a recordação do berço natal, a lembrança dos tempos idos, a evocação dos amores que cantam na alma o seu derradeiro hymno o, relampago da esperanza que illumina os ultimos vislumbres de existencia mesmo nas occasiões e situações mais dasesperadas, o valioso consolo de uma expressão amiga e de palavras de promessas solemnes n'um futuro melhor.

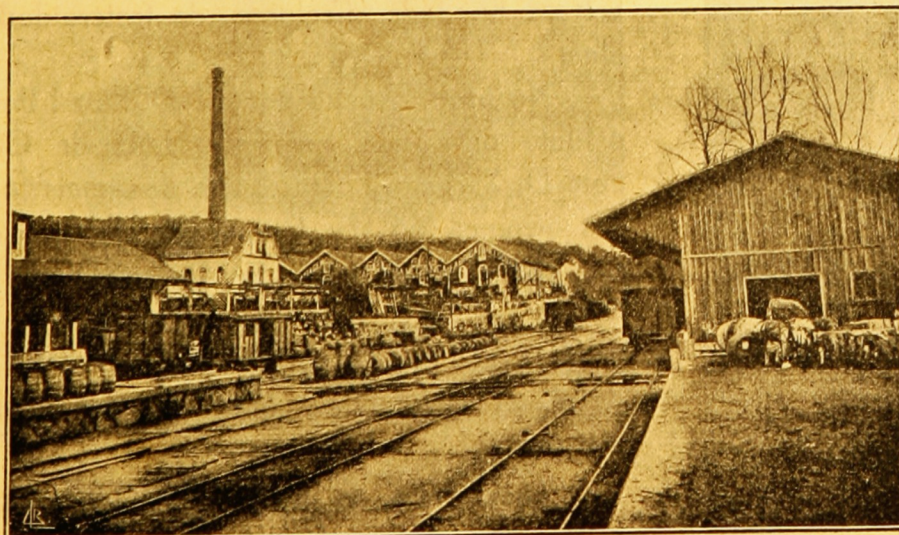
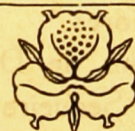
A sua benção, ao impôr as mãos sobe a cabeça do mísero mutilado com os olhos pregados no alto, onde vê sempre a cruz do Redemptor, é a benção de Deus, a benção da familia, a quem de longe contempla, com a alma alanceada, os olhos rasos de pranto, a desoladora scena, a benção da Mãe.

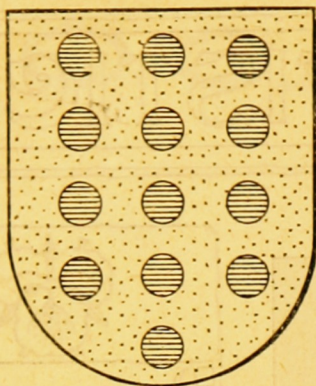
PORTUGAL ARTISTICO



Povo de Lanhoso

Paços do Concelho



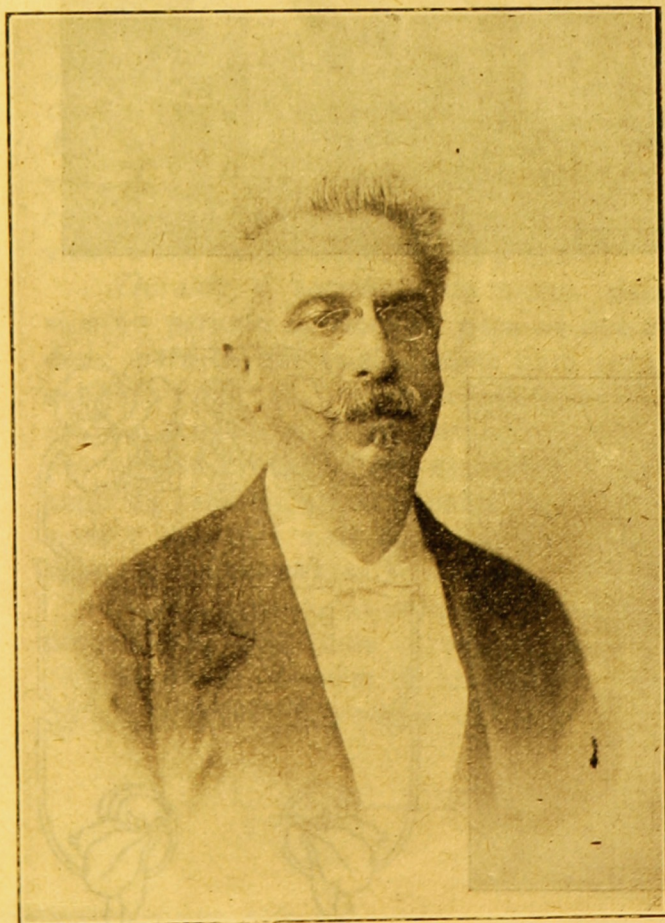


Os Condes de Nova-Gôa

O sr. conde de Nova Goa, D. Luis Caetano de Castro e Almeida Pimentel de Sequeira e Abreu, nascera na India em 25 de outubro de 1841 e era um espirito finamente culto, tendo-lhe sido conferido o titulo em 1864 em attenção aos seus meritos e serviços e nobreza de seus maiores.

Era filho de D. José Maria de Castro e Almeida de Sequeira e Abreu, fidalgo da casa real, cujos restos repousam na matriz goana sob uma lapide que tem gravadas as armas dos Castros, treze arruellas, com a lettra *Nihil magis possum nunc dicere*.

«A fina educação do sr. conde de Nova Gôa (diz um biographo) a lhaneza do seu trato, a simplicidade de suas maneiras, a insinuante bondade do seu parecer, a intelligen-



cia espontanea com que praticava o bem, decuplicavam o valor do auxilio material ou moral prestado, porque lhe davam o cunho indelevel da bondade affectuosa, da fraternidade de alma »

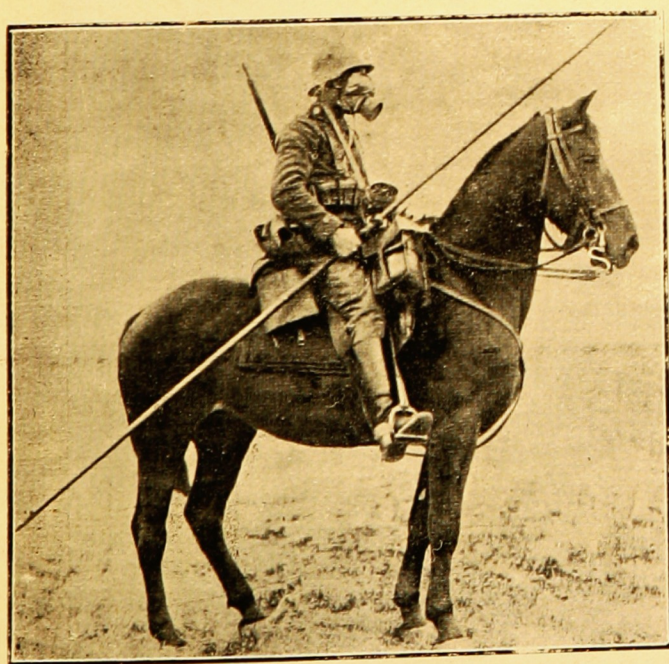
No proprio anno em que D. Luiz I lhe deu o titulo de conde, casou D. Luiz de Castro com D. Virginia Folque, uma das mais formosas meninas do seu tempo, e de quem disse um academico no elogio de seu pae: «Senhora em quem se acham temperadas pela graça feminina as qualidades de character e os dotes de intelligencia que tanto distinguiram seu pae.»

Taes eram as figuras distinctissimas de aristocratas de que fazemos hoje uma saudosa commemoração.

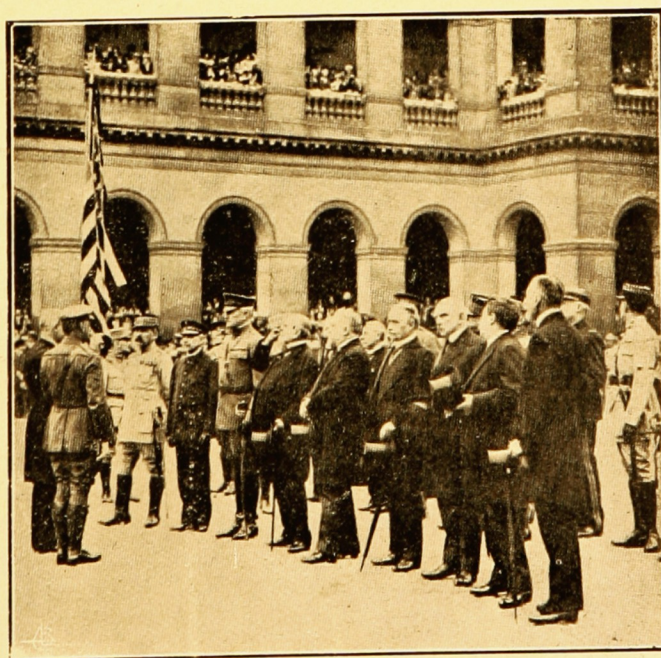
Guerra Europeia



Estado de uma sumptuosa rua de Arras depois do bombardeamento tão prolongado que tem sofrido dos allemães.



Sentinella provista de mascara contra os gases asphyxiantes.



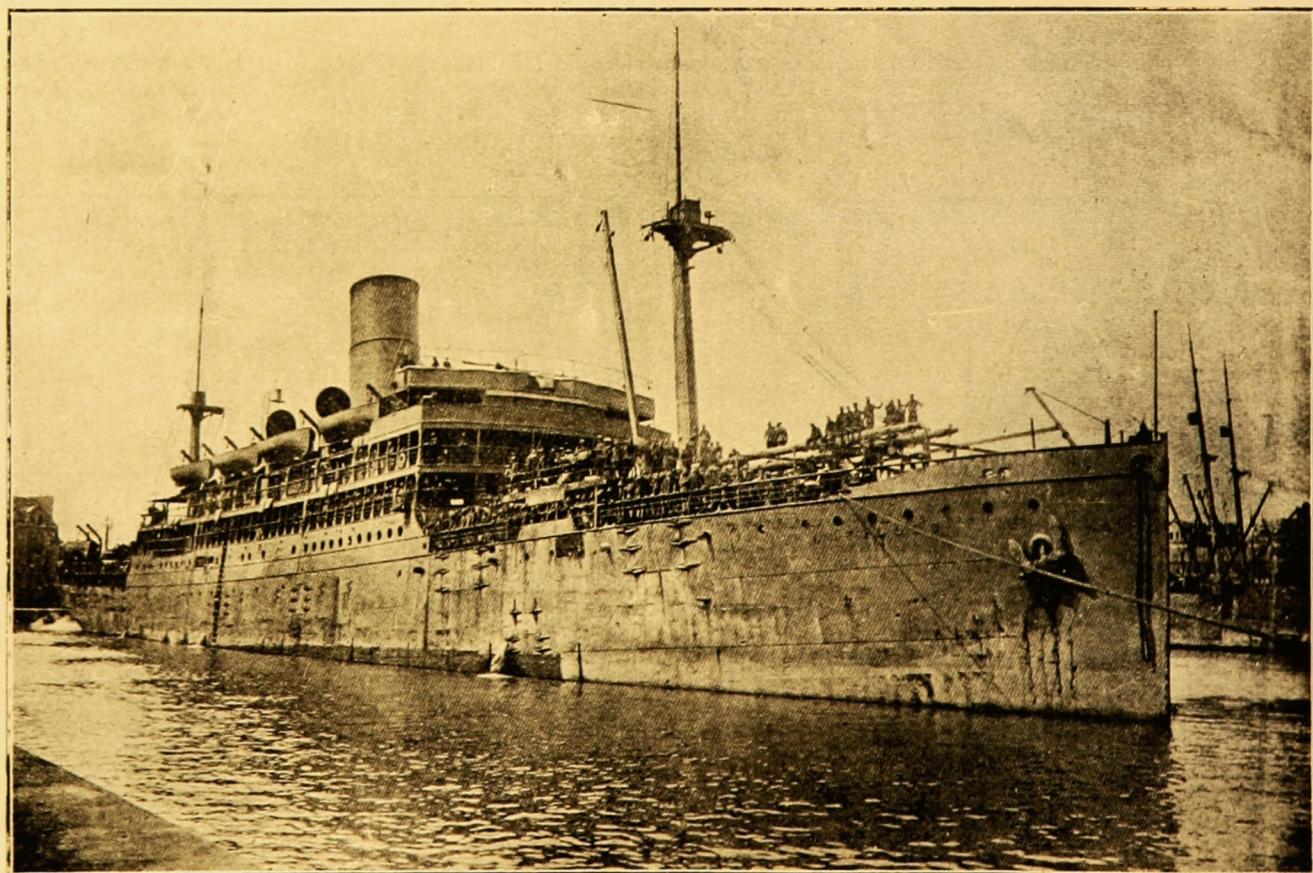
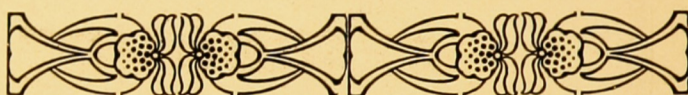
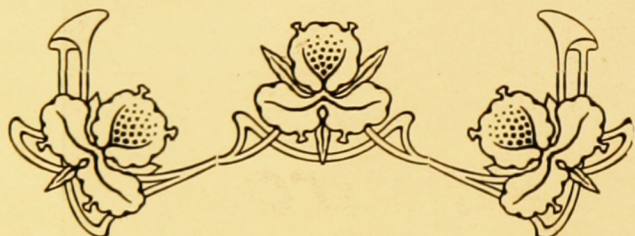
As auctoridades de Puy offerecem ao major Pershing uma bandeira americana.



Annibal de Sousa Almeida, expedicionario em França, antigo typographo n'estas officinas.



Grupo de cabos de infantaria 8, actualmente nas linhas de batalha em França.



O "Antilles,, primeiro transporte de tropas americanas chegado a França.

LIVRARIA CRUZ

BRAGA

Telephone n.º 29

Telegramas:—**CRUZ LIVRARIA**

Casa fundada em 1888

EDITORA das obras do celebre hidroterapista *Mg. Kneipp*.

EDITORA de muitos livros adoptados no ensino *primario, normal secundario, especial e superior*.

EDITORA e proprietária da Coleção *Sciencia e Religião*.

EDITORA de livros de piedade—*Centelhas Eucaristicas, livro de Orações, etc.*

Completo sortido de *Papelaria* objectos de escritório—Utensilios e modelos para desenho e pintura—**Agencia de Publicações.**

OFFICINAS

—DE—

Escultura e Pintura

—DE—

Teixeira Fanzeres

Garante-se perfeição em todos os serviços

Preços sem competencia

RUA DO SOUTO 134—BRAGA

Contra riscos de guerra terrestres e maritimos, grèves, tumultos e roubos. segura a Companhia Luzo-Brazileira de Seguros

SAGRES

Séde — Lisboa, Largo S. Julião 19-2.º—Tel. C. 2961. Banqueiros: Pinto & Sotomaior. — Agente em Braga, Amares, Povoação de Lanhoso, Terras de Bouro e Vieira

José de Faria Machado

Rua do Souto, 105-1.º—BRAGA

Paramentaria, Sirgaria e Artigos militares

—DE—

RIBEIRO DE CASTRO & VILLELA

99, Rua do Souto, 101

MISSAES

BRAGA

BREVIARIOS

Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos

DO

Padre Villela & Irmão

(Joaquim Pereira Villela)

Este antigo Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos e Civis. encarrega se de todos os negocios dependentes das repartições ecclesiasticas de Braga, Nunciatura Apostolica e de Roma, taes como processos de ordens menores e sacras e seus respectivos Breves, licenças para casamentos com proclamas ou sem elles, dispensas de parentesco em todos os graus, que a Santa Sé costuma conceder, justificações de baptismo, casamento, obito e de estado livre. Breves de redução de legados, sanatorias, em geral quaesquer Breves Apostolicos. e tambem dos negocios dependentes das repartições civis, judiciaes e militares em relação com os negocios ecclesiasticos, o que tudo é tratado com sunma brevidade e maxima economia.

Tem annexo ao mesmo escriptorio uma typographia a vapor, denominada dos «Echos do Minho», e officina de encadernação onde são executados quae quer trabalhos, com a maxima rapidez, perfeição e economia.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para o respectivo escriptorio ao

P.^e Villela & Irmão

83—RUA DOS MARTYRES DA REPUBLICA—91

(Antiga Rua da Rainha)

BRAGA